

## 'TU SERÁS CHAMADO KEFAS". Estudo exegético sobre Pedro no IV Evangelho

### 1. IMPORTÂNCIA DA TEMÁTICA

1. Cf. K. ALAND, *Vollständige Konkordanz zum Griechischen Neuen Testament*, v. 2, Spezialübersichten. Berlin-New York, 1978, pp. 156-157 e 220-221; F. REFOULÉ, "Primauté de Pierre dans les Évangiles", em *REVUE DES SCIENCES RELIGIEUSES*, Strasbourg, 38 (1964), p. 2.

2. Para um levantamento sobre a bibliografia joanina, cf.: G. GHIDELLI, "Bibliografia biblica petrina", em *SCUOLA CATTOLICA*, Varese, 96 (1968), pp. 61-110 (traz um elenco sobre os trabalhos bíblicos sobre Pedro em geral, de 1750 a 1967); G. VAN BELLE, *Johannine Bibliography - 1966-1985*. A Cumulative Bibliography on the Fourth Gospel. Leuven, 1988; E. MALATESTA, *St. John's Gospel (1920-1965): A Cumulative and Classified Bibliography of Books and Periodical Literature on the Fourth Gospel*. Roma, 1967; R. RÁBANOS ESPINOSA e D. MUÑOZ LEON, *Bibliografía Joánica*. Evangelio, Cartas y Apocalipsis, 1960-1986. Madrid, 1990.

3. J. TAVARES DE LIMA, "Tu serás chamado KEFAS". Estudo exegético sobre Pedro no Quarto Evangelho. Roma, 1994.

A figura de Pedro, com todas as nuances que lhe dizem respeito, o seu mundo de relações e a sua missão fornecem sempre novas luzes para a comunidade cristã de ontem e de hoje. Simão Pedro ocupa um lugar de indubitável privilégio entre os personagens do Novo Testamento. Os dados estatísticos permitem, de imediato, constatar que os evangelhos dão um concorde e significativo ressaltado ao pescador de Betsaida, sobretudo quando consideramos também a frequência com que mencionam os outros apóstolos: Pedro é citado 114 vezes, enquanto todos os outros apóstolos, somados, são mencionados 107 vezes. Nos outros escritos do Novo Testamento, Pedro é citado 57 vezes.<sup>1</sup>

Todavia, os estudiosos se referem apenas marginalmente ao IV Evangelho quando abordam a figura de Pedro e as tradições que lhe dizem respeito. Não existe, a nosso ver, nenhum estudo monográfico que considere as perícopes joaninas sobre Pedro. Na verdade, na numerosa produção literária sobre Pedro não faltam contribuições substanciais sobre cada uma das perícopes joaninas<sup>2</sup>, contudo, esses estudos, quando não se ocupam de visões panorâmicas, com muita frequência, centralizam a atenção em questões particulares (como o relacionamento de Pedro com o Discípulo Amado, a função de Pedro, sua confissão de fé, a comparação com os sinóticos), de modo que não temos, ainda, uma visão global e exaustiva a respeito da concepção que João apresenta sobre Simão Pedro.

O IV Evangelho oferece um quadro interessante e por isso dedicamos a ele uma tese feita em 1994 e queremos partilhar com os nossos leitores o resultado.<sup>3</sup>

## 1.1. O método

Servindo-nos sobretudo dos instrumentos da leitura sincrônica (análise linguístico-sintática, análise semântica e narrativa, estrutura do texto) — a qual, assumindo o texto final, *nos permite considerar cada perícopo como uma unidade estruturada, coerente, portadora de sentido, e nos permite também estabelecer as suas características constitutivas peculiares, além de evidenciar as relações entre os diversos elementos do texto que merecem um aprofundamento exegético* — efetuamos uma pesquisa sobre as perícopes joaninas que se referem a Pedro, estudando-as individualmente e nas relações que emergem a partir do seu conjunto.

## 1.2. Ponto de partida

A originalidade do nosso estudo deve ser considerada sob dois aspectos:

a) na *apresentação sistemática das perícopes* que em João se referem a Pedro, considerando as contribuições dos exegetas modernos, definindo os aspectos que são objeto de divergências e propondo detalhes, às vezes novos, que devem ser considerados na leitura dos trechos e na elaboração da concepção que João faz de Pedro;

b) na *consideração de duas imagens literárias*, que além de definir emblematicamente o discipulado de Pedro, possuem reserva de significado para a cristologia e para a eclesiologia joanina. Trata-se, isto é, da *simbólica de Pedro* como *Kefas e como pastor*. A simbólica de kefas está na base do encontro inicial entre Pedro e Jesus e percorre implicitamente as perícopes petrinhas do IV Evangelho, as quais constituem um processo cuja culminância se encontra no capítulo 21. Este capítulo concretiza a simbólica de Kefas na figura do pastor que, com zelo e afetuosa dedicação, deve apascentar o rebanho de Jesus.<sup>4</sup>

## 2. HIPÓTESES DA RELAÇÃO PEDRO-DISCÍPULO AMADO

A nossa dissertação se desenvolve em nove capítulos, um dos quais, o último, se constitui em conclusão.

No **primeiro capítulo**<sup>4</sup> ocupamo-nos da maneira como a problemática petrina foi tratada no IV Evangelho. Verificamos que existem alguns lineamentos constantes indicativos de tendências fundamentais típicas na descrição de como a figura de Pedro é concebida pelo quarto evangelista. Pudemos agrupá-las em quatro tendências principais que revelam esquemas interpretativos diversos e nem sempre convergentes. Essas ten-

4. Cf. *Ibidem*, pp. 1-42.

5. Cf. P. BENOIT, "La Primaute de saint Pierre selon le Nouveau Testament", em *ISTINA*, Paris, 2 (1955), pp. 305-334; *Idem*, "Saint Pierre d'après O. Cullmann", em *Idem*, *Exégèse et Théologie*. v. 2. Paris, 1961, pp. 285-308; cf. também *Idem*, *Passion et Résurrection du Seigneur*. Paris, 1966, pp. 337-353; e a resenha que fez à obra de R. Brown sobre Pedro no Novo Testamento: "Rassegna su Pietro nel Nuovo Testamento, di Brown e altri", em *REVUE BIBLIQUE*, Paris, 87 (1980), pp. 459-460; R. PESCH, *Simon-Petrus. Geschichte und geschichtliche Bedeutung des ersten Jüngers Jesu Christi*. Stuttgart, 1980. Neste trabalho, Pesch dedica não mais que duas páginas, especificamente, ao quadro joanino sobre Pedro; mas outros dados analíticos encontram-se distribuídos ao longo da obra. Ver também o seu artigo "The Position and Significance of Peter in the Church of the New Testament. A Survey of Current Research", em *CONCILIUM*, London, 64 (1971), pp. 21-35.

dências não se excluem umas às outras, sendo que muitas vezes num mesmo autor podem-se encontrar traços de mais de uma tendência. No agrupamento que aqui efetuamos, seguimos aquilo que para cada autor é fundamental.

a) a **primeira tendência** considera que *João reconhece a superioridade de Pedro como representante do grupo dos Doze*, mesmo que tal superioridade não seja considerada da mesma maneira.

Para alguns, a superioridade traduz-se na instituição do Primado. De modo geral, os estudos católicos sobre João até a década de sessenta seguem este ponto de vista, referindo-se explicitamente ou deixando subentendido que no quarto evangelho, além da indiscutível posição de porta-voz e líder do grupo, está presente a fundamentação para o Primado de Pedro.<sup>5</sup>

Para outros, a superioridade não pode ser empregada nem para afirmar nem para negar o Primado. Para estes autores, indubitavelmente, Pedro está revestido de uma missão que o faz ser reconhecido como absoluto líder dos seguidores de Jesus, mas não chamam em causa, quer para fundamentar quer para negar, a categoria do Primado. São inúmeros os trabalhos que assumem esta postura, e normalmente fazem o mesmo tipo de análise dos textos joaninos.<sup>6</sup>

Dentro da mesma perspectiva fundamental, outros são da opinião de que esta superioridade não dá nenhuma margem ao Primado. Simão Pedro assumiria uma função especial no interior do grupo seguidor de Jesus, sendo o líder e representante do mesmo, mas esta condição de “primeiro” entre os apóstolos não aponta à instituição do Primado. Esses autores vêem a autoridade de Pedro mais a nível carismático, uma autoridade que lhe é espontaneamente reconhecida, fruto da interação do grupo. Quando legitimada por Jesus, ela aparece em estreita relação com a doação da vida.<sup>7</sup>

b) a **segunda tendência** vê *Pedro em função do Discípulo Amado*, de maneira que o relacionamento entre ambos é visto com certas nuances.

Há quem considere um *relacionamento de concorrência e conflito*. A tendência de ver a relação entre Pedro e o Discípulo Amado como sendo uma concorrência está presente nos estudos de autores que enfatizam aspectos ligeiramente diversificados, vêem que, entre estes dois discípulos, o quarto evangelho deliberadamente constrói um clima de competição, fazendo emergir com maior consistência a presença do Discípulo Amado a quem Pedro aparece, constantemente, subordinado.<sup>8</sup>

Há quem veja uma *superioridade do Discípulo Amado*. Alguns autores dão um passo além em relação àqueles que consideram a relação entre Pedro e o Discípulo Amado como sendo

6. Cf. C.COULOT, “Pierre dans la tradition johannique”, em *MON-DE DE LA BIBLE*, Paris, 27 (1983), pp. 24-25; Idem, “Les figures du maître et des ses disciples dans les premières communautés chrétiennes”, em *REVUE DES SCIENCES RELIGIEUSES*, Strasbourg, 59 (1985), pp. 1-11; Idem, “La Vocation des disciples dans l’Évangile de Jean”, em Idem., *Jésus et le Disciple. Étude sur l’autorité messianique de Jésus*. Paris, 1987, pp. 195-246.

7. Como representante desta concepção, temos O. Cullmann. Segundo ele, o quarto evangelista tem uma dúplice visão em relação à particular posição que Pedro ocupa entre os discípulos de Jesus: é uma posição abertamente reconhecida, ao mesmo tempo que vem insistentemente enfraquecida e confrontada com a autoridade de um misterioso e anônimo discípulo que Jesus amava. Cf. O. CULLMANN, *Petrus. Jünger, Apostel, Märtyrer*. Das historische und das theologische Petrusproblem. Zurich-Stuttgart, 1952; Idem, *Der johanneische Kreis. Sein Platz im Spätjudentum*, in der Jünger-schaft Jesus und im Urchristentum. Zum Ursprung des Johanne-sevangeliums, Tübingen, 1975; Idem, *Petroz Khjaz’*, em *GLNT*, v. 10, col. 109-160.

8. Cf. F. REFOULÉ, “Primaute de Pierre dans les Évangiles”, em *REVUE DES SCIENCES RELIGIEUSES*, Strasbourg, 38 (1964), pp. 1-41; J. J. A. GUNTHER, “The Relation of the Beloved Disciple to the Twelve”, em *THEOLOGIS-CHE ZEITSCHRIFT*. Basel, 37 (1981), pp. 129-148; R. F. COLLINS, “The Representative Figures of the Fourth Gospel”, em *DOWNSIDE REVIEW*, Bath, 94 (1976), pp. 26-46 e 118-132.

de concorrência. Eles encontram no quarto evangelho uma oposição entre os dois, com uma tendência à exaltação do Discípulo Amado, o que evidencia, claramente, a sua superioridade sobre Pedro. Eles não insistem, contudo, na significação desta superioridade.<sup>9</sup>

Há quem veja uma *relação de complementariedade ou de justaposição* na qual o Discípulo Amado se apoia na reconhecida autoridade de Pedro para reforçar a própria autoridade. Alguns autores entendem que a relação entre Pedro e o Discípulo Amado deve ser vista à luz do processo evolutivo da comunidade joanina. À luz deste processo eles sustentam que o caráter definidor desta relação é a complementariedade, segundo a qual, e tratando-se de dois papéis diferentes, o Discípulo Amado se apoiaria na reconhecida autoridade de Pedro para garantir a sua credibilidade na Igreja Universal. Há também quem siga a mesma linha, mas não chega a falar de complementariedade, senão de justaposição.<sup>10</sup>

Há, ainda, quem atribua a Pedro e ao Discípulo Amado um *caráter de representatividade* pela qual Pedro representa a Igreja-hierárquica enquanto que o Discípulo Amado, a Igreja-carismática. Para eles, esses dois discípulos, mais que personagens históricas, são tipificações de modelos de concretização da comunidade cristã primitiva.<sup>11</sup>

c) Para a terceira tendência, João elabora *a sua concepção de Pedro a partir de dois modelos opostos de discípulos*, representados por Judas e pelo Discípulo Amado. Pedro seria uma via intermediária entre os dois modelos; a sua falência não é total como a de Judas, mas ele está longe da compreensão e da adesão a Jesus feita pelo Discípulo Amado<sup>12</sup>.

d) a quarta tendência vê em João *um forte anti-petrinismo* e sustenta que este seria o tema principal de seu evangelho. Esta maneira de conceber a imagem de Pedro no quarto evangelho é, na verdade, um acirramento da tendência que atribui ao Discípulo Amado uma superioridade sobre Pedro. Segundo esta tendência, o quarto evangelho combate a imagem positiva de Pedro, uma vez que esta poderia obscurecer a do Discípulo Amado, que é, sob todos os aspectos, superior a Pedro.<sup>13</sup>

Resulta daí um quadro amplo, variado e, ao mesmo tempo, indicativo de que tais tendências não esgotam a reserva de significado própria de Pedro e de sua missão no IV Evangelho. De fato, permanecem como objeto de discordância: a) a natureza da função desempenhada por Pedro; b) a própria leitura das perícopes que são usadas de maneira diferente para comprovar ou refutar estas tendências; c) o relacionamento entre Pedro e o Discípulo Amado; d) o significado do nome Kefas; e) a imagem de Pedro a partir do capítulo 21.

9. Cf. B. CASSIEN, "Saint Pierre et l'Église dans le Nouveau Testament. Le problème de la primauté", em *ISTINA*, Paaris, 2 (1955), pp. 261-302; W. TRILING, "Zum Petrusamt im Neuen Testament. Traditionsgeschichtliche Überlegungen anhand von Matthäus, 1 Petrus und Johannes", em *THEOLOGISCH-PRAKTISCHE QUARTALSCHRIFT*, Linz, 151 (1971), pp. 110-133; A. H. MAYNARD, "The Role of Peter in the Fourth Gospel", em *NEW TESTAMENT STUDIES*, New York, 30 (1984), pp. 531-548; A. J. DROGE, "The Status of Peter in the Fourth Gospel: a Note on John 18,10-11", em *JOURNAL OF BIBLICAL LITERATURE* Atlanta, 109 (1990), pp. 307-311.

10. Cf. R. E. BROWN, *As Igrejas dos Apóstolos*. São Paulo, 1984; Idem, *La comunità del discepolo prediletto*. Luci e ombre nella vita di una chiesa al tempo del Nuovo Testamento. Assisi, 1982; Idem, "Pietro nel Vangelo di Giovanni", em R. E. BROWN, K. P. DONFRIED e-J. REUMANN, *Pietro nel Nuovo Testamento*. Roma, 1988, pp. 151-171; Idem, *The Gospel according to John*. v. 2. New York, 1970; F. FERNÁNDEZ RAMOS, "El Discípulo Amado", em *STUDIUM LEGIONENSE*, León, 22 (1981), pp. 37-74; Idem., "La comunidad joánica", em *CIENCIA TOMISTA*, Salamanca, 106 (1979), pp. 541-586; R. SCHNACKENBURG, *Il Vangelo di Giovanni*. v. 3. Brescia, 1981; Idem., "Pietro nel Vangelo di Giovanni", em *MISCELLANEA FRANCISCANA*, Roma, 74 (1974), pp. 384-408; Idem., "On the Origin of the Fourth Gospel", em *PERSPECTIVE*, 11 (1970), pp. 223-246.

11. Cf. R. BULTMANN, *The Gospel of John*. A Commentary. Oxford, 1971; J. F. O'GRADY, "The Role of the Beloved Disciple", em *BIBLICAL THEOLOGY BULLETIN*, S. Bonaventure, 9 (1979), pp. 58-65; Idem., "Indivi-

dualism and Johannine Ecclesiology", *BIBLICAL THEOLOGY BULLETIN* 5 (1975), pp. 227-261.

12. Cf. J. MATEOS e J. BARRETO, *Dizionario Teologico del Vangelo di Giovanni*, Assisi, 1982, pp. 76-91 e 218-267; Idem, *El Evangelio de Juan*. Análisis lingüístico y comentario exegético. Madrid, 1979; D. CANCIAN, "Il Discepolo Amato nel IV Vangelo", em *PAROLE DI VITA*, Torino, 29 (1984), pp. 278-289.

13. Traduzem esta tendência: B. W. BACON, *The Fourth Gospel in Research and Debate*. New York, 1910; E. HOSKYNYS e N.DAVEY, *The Riddle of the New Testament*. London, 1958; E. E. TITUS, *The Message of the Fourth Gospel*, New York, 1957; S. AGOURIDES, "The Purpose of John 21", em B. L. DANIELS e M. J. SUGGS (ed.), *Studies in the History and Text of the New Testament*, in Honor of K.W. Clark, Utah, 1967, pp. 127-132; Idem., "Peter and John in the Fourth Gospel", em F. L. CROSS (ed.), *Studia Evangelica* v. 4. Berlin, 1968, pp. 3-7; G. F. SNYDER, "John 13,16 and the Anti-Petrinism of the Johannine Tradition", em *BIBLE REVIEW*, Washington, 16 (1971), pp. 5-15.

14. TAVARES DE LIMA, o. cit., pp. 43-72.

15. *Ibidem*, pp. 73-97.

### 3. LEITURA DAS PERÍCOPES PETRINAS

No segundo capítulo<sup>14</sup> dedicamo-nos a Jo 1,41-42 e a nossa pesquisa segue dois versantes: um versante leva em consideração a perícopa à luz da metodologia histórico-crítica, enquanto o outro considera o texto em sua forma final. As indicações fornecidas pelas duas análises convergem no mesmo ponto focal: revelam a importância das implicações do termo *Kefas* na re-denominação de Simão, indicando, programaticamente, a perspectiva segundo a qual deve ser vista a figura deste discípulo no evangelho de João. Inserido num sintagma que evoca a mudança de nome no Antigo Testamento, *Kefas* é uma antecipação de como Pedro viverá a sua experiência de Jesus e assume o caráter de missão; a compreensão de tal missão exige, portanto, a decodificação do substrato semítico do termo *Kefas*.

O terceiro capítulo<sup>15</sup>, estritamente relacionado com o segundo, apresenta a análise do termo *kefas* no substrato bíblico-judaico e o seu significado em Jo 1,42. Na base de *kefas* está um som universal, cuja seqüência fonética já está presente entre os egípcios, assírios, babilônicos, árabes, e continua nas culturas modernas, passando pelo sânscrito, pelo grego e pelo latim. Nestas línguas, a configuração fonética em torno de *kefas* assume o sentido de circundar, proteger, envolver, arrolar, acolher dentro, defender, cobrir, acariciar, fazer repousar. *Kefas*, um termo presente no hebraico e no aramaico, está etimológica e simbolicamente relacionado com esta configuração, e isto nos autoriza a ver em *Kefas* a pedra escavada e arqueada, a gruta rochosa que serve de abrigo e refúgio para animais, pastores, exilados, pobres, marginalizados, ou qualquer pessoa necessitada. Este significado original de fundo foi confirmado a partir do confronto com as palavras que em hebraico designam a rocha e o seu campo semântico, e com o seu uso na literatura veterotestamentária, considerada tanto no Texto Masorético como nos LXX. Atenção particular dedicamos à ocorrência de *kefa* em Jó 30,6; Jer 4,29; 11QTgJó 32,1; 11QTgJó 33,9; 4QEn(a)1,2,8; 4QEn(e)4,3,19-20 e 4QEn(c)4,3. Esta investigação confirma suficientemente o significado original que emerge da etimologia e da simbologia, de tal forma que, mesmo que costumeiramente *kefas* seja concebido como rocha ou pedra maciça, carrega consigo uma simbólica mais ampla, significando também a rocha escavada, a gruta feita na rocha, e evoca a idéia de acolhida, defesa, proteção. Seguindo Jesus, Pedro tornar-se-á esta gruta que o coloca na perspectiva contínua de relacionamento com os outros, para os quais, em situação constante de dedicação e zelo, será abrigo, repouso, defe-

sa, proteção, habitação. Aparece, desta forma, uma imagem única e marcadamente eclesiológica já no primeiro encontro entre Pedro e Jesus, imagem esta que virá a se cumprir no capítulo final do evangelho.

Entre os capítulos quarto e oitavo<sup>16</sup> consideramos as outras perícopes joaninas sobre Pedro: quarto (6,67-71); quinto (13,6-10.21-26.36-38); sexto (18,10-11.15-27); sétimo (20,1-10); oitavo (21,1-14.15-23). No capítulo conclusivo<sup>17</sup> resumimos sistematicamente estas leituras exegéticas, apresentando, numa abordagem global, a concepção que o IV Evangelho faz de Pedro.

16. *Ibidem*, pp. 99-320.

17. *Ibidem*, pp. 321-360.

#### 4. OS RESULTADOS DE NOSSA PESQUISA

Esta abordagem move-se sobre dois quadrantes (setores) que expressam o âmbito de compreensão que João tem de Pedro: *a sua pessoa e a sua missão*.

##### 4.1. A pessoa de Pedro

Este quadrante, que focaliza a pessoa de Pedro, compreende três pontos: os termos que o designam, o seu ponto de referência e a sua trajetória como discípulo de Jesus.

a). O evangelista se serve de *diversos apelativos* para Pedro: Simão (1x), Simão filho de João e Simão (4x), Kefas (1x), Simão Pedro (17x) e Pedro (17x). Depois de 1,42, o evangelista sempre inclui o termo Pedro quando se refere a Pedro e o introduz nos episódios sempre com o nome composto de Simão Pedro. Jesus, ao contrário, nunca se refere a Pedro chamando-o de Pedro. Com este modo de proceder João coloca em destaque a tensão entre a condição presente de Pedro (*Simão*) e a missão que ele está para desempenhar (o programático *Pedro*). No desenrolar dos episódios, depois de ter introduzido o personagem com o nome de *Simão Pedro*, o evangelista continua a chamá-lo *Pedro*, dando a entender que, mais do que na pessoa desse discípulo, está interessado na sua missão. Jesus, nunca chamando Simão com o apelativo *Pedro*, dá-nos a entender que a sua missão ainda não foi realizada.

Desta forma, a tensão que assinala a vida de Simão Pedro é representada programaticamente pela maneira como ele é denominado a qual, enquanto deixa entrever a sua experiência final no seguimento de Jesus, resgata a dimensão presente e limitada de Pedro: aquele que será *Kefas*, gruta, pastor, mentor da unidade da comunidade de Jesus, é o mesmo *Simão*, pescador, com os seus limites e com a sua fragilidade.

Esta chave de leitura é confirmada pelo capítulo 21, que mantém algumas semelhanças não fortuitas com 1,41-42: con-

centração dos vários nomes que designam Pedro, as outras duas afirmações de Simão e do patronímico João, e o outro único episódio no qual Jesus se dirige a Pedro chamando-o pelo nome. Isto permite colocar o capítulo 21 em relação com 1,41-42, evocando a condição de Pedro antes de ser discípulo de Jesus e a situação em que ele recebe de Jesus o nome indicativo de sua missão. Demonstra também que, com a outorga da missão, começa a ser superada a tensão entre o ser *Simão filho de João* e o tornar-se *Kefas/Pedro*, e a missão começa a ser realizada. De fato, depois que a missão é atribuída a Pedro em 21,15-17, nem o evangelista nem Jesus o chamam de *Simão* ou de *Simão Pedro*.

b) *O referencial de Pedro*: valendo-nos do «modelo da influência recíproca» tirado da análise narrativa, e à luz da exegese dos trechos sobre Pedro, tecemos a rede de relações de Pedro. Esta análise consegue indicar uma dimensão justa para a compreensão do relacionamento entre Pedro e o Discípulo Amado e evidencia quem é, na verdade, o seu referencial. Em João, as interações de Pedro com as outras pessoas não são decisivas na definição da função, do status e da condição de Pedro. O ponto de referência para Pedro é sempre a pessoa e a proposta de Jesus; é Jesus que direta e indiretamente revela as suas ambigüidades e a sua imaturidade como discípulo. Isto, todavia, não quer dizer que João seja anti-petrino; ao contrário, revela que Pedro coloca em maior evidência a pessoa de Jesus e recapitula o drama humano de converter-se à sua mentalidade. Sublinha também que Jesus anuncia amplamente que Pedro O seguirá e aderirá à sua proposta de forma incondicional.

c) *A trajetória de Pedro*: constatamos que a trajetória de Pedro indica o seu drama como discípulo e mostra que o seu processo de aproximação a Jesus é marcado pela lentidão e por incompreensões, procede de maneira gradual e penosa, passando pelo oposto daquela que será a experiência definitiva de Pedro com Jesus. Este itinerário consiste fundamentalmente de três ciclos, qualitativamente distintos, mas que se supõem reciprocamente: uma aproximação inicial, uma fase intermediária, caracterizada pelo distanciamento, e uma aproximação final.

A aproximação inicial se traduz em duas experiências que já levam em si uma imagem marcada pela condição futura do discípulo. 1,41-42 mostra as circunstâncias nas quais Pedro chega até Jesus e o que acontece neste encontro singular. André, partilhando a sua descoberta com quem também partilhava as suas buscas, comunica a Pedro ter encontrado o Messias e o conduz até Jesus. Jesus, acenando à situação atual de Pedro («Tu és Simão, filho de João» — 1,42b), anuncia imediatamente

a perspectiva que orientará a sua vida («serás chamado *Kefas*» — 1,42c), revelando não tanto aquilo que o discípulo é agora, mas o que será em virtude de sua experiência como discípulo.

Em 6,67-71, depois de uma série de atividades por meio das quais os discípulos entram em contato com Jesus e podem conhecê-lo melhor, Pedro dá o seu testemunho que é indicativo do papel que ele assume no interior do grupo: em nome dos Doze demonstra aquilo que Jesus significa para eles, corrige uma concepção errada sobre o messianismo de Jesus e faz um ato definitivo de fé em Jesus e em sua mensagem.

À primeira vista parece uma adesão total; mas, mediante os seus comportamentos e na medida em que os acontecimentos se projetam na direção da glorificação de Jesus, evidencia-se que o seu itinerário estava somente começando. Pedro manifesta muita generosidade, entusiasmo e amor a Jesus, mas age com impulsividade e excesso de confiança em si mesmo, continuando fechado em suas categorias e convicções. Por isso, numa fase intermediária (13,6-10.36-38; 18,10-11.15-27), experimenta uma dificuldade crescente em compreender Jesus e as exigências para o seu seguimento. O ponto alto desta fase evidencia-se durante a Paixão de Jesus; ali transparece toda a precariedade de seu compromisso e a ambigüidade de seu seguimento, através da tríplice negação.

Nos capítulos 20 e 21 temos a aproximação final de Pedro a Jesus. 20,1-10 narra a ida de Pedro e do Discípulo Amado ao sepulcro, segundo uma intercalação de movimentos que indica uma aproximação progressiva a Jesus e coloca em destaque todo um processo que desemboca na gênese da fé pascal. Este processo tem como ponto de referência o caminho interior que os dois começam a percorrer (20,10) refazendo a sua síntese pessoal, recuperando ou atualizando comportamentos interiores e critérios de comportamento que os predispõem a agir como aqueles que, compreendendo as Escrituras, crêem na Ressurreição.

Tal predisposição torna-se evidente em 21,7 e 21,11 e concretiza-se particularmente no diálogo de 21,15-17. Em 21,7, Pedro, lançando-se ao mar, cumpre um gesto que prefigura a sua adesão espontânea e definitiva a Jesus, indicando que segue para aquele encontro preparado para ser discípulo. Em 21,11, Pedro arrasta a rede para a terra. A simbólica aqui presente evoca a sintonia de Pedro com a missão de Jesus, atribuindo-lhe a capacidade de atrair os homens ao Pai e de guardá-los na unidade, antecipando o diálogo decisivo de 21,15-17, onde Pedro aparece pronto para seguir Jesus na profundidade da vida de fé.

É notável a intenção de aproximar a figura de Pedro à de Jesus: é configurado como pastor; é chamado insistentemente ao seguimento de Jesus, de maneira que, não obstante a fun-



ção de apascentar o rebanho, deverá continuar em atitude de seguimento no qual deve continuamente superar-se; a sua morte ganha sentido sacrificial e serve, como a morte de Jesus, para glorificar a Deus. Estes dados são singulares, primeiramente, porque o tema da glória tem exclusivamente como sujeito Jesus e o Pai. A única exceção é esta: quem glorifica Deus, com a sua morte aqui, é Pedro. João reafirma, assim, uma união profunda entre a figura de Pedro e a de Jesus. Por meio de Pedro é a própria ação de Jesus que continua entre os homens.

#### 4.2. A missão de Pedro:

O segundo quadrante da reflexão conclusiva desenvolve-se em dois tópicos: o primeiro, mais conciso, situa a missão de Pedro como decorrência e continuação de seu relacionamento com Jesus; o segundo, por sua vez, unindo os dois simbolismos básicos de 1,41-42 e 21,15-17, ocupa-se das características desta missão.

a) A missão de Pedro como decorrência de seu relacionamento com Jesus: constatamos que o IV Evangelho não se interessa em mostrar as vicissitudes de Pedro — com as suas crises e os seus fracassos — e o caminho que ele percorre como discípulo, apenas para reforçar a necessidade da fé como resposta individual à proposta de Jesus. Temos entre Jesus e Pedro um relacionamento biunívoco. Pedro põe Jesus em evidência, servindo à causa cristológica do IV Evangelho, mas ao mesmo tempo e como um reflexo, é colocado em evidência por Jesus, tanto que a sua missão é conexas com a relação que ele tem com Jesus, sendo decorrência e continuação da mesma.

b) Características da missão de Pedro: a missão de Pedro é anunciada programaticamente em 1,41-42, continua como substrato nos episódios seguintes e se completa no capítulo 21, que evoca 1,41-42 e concretiza a missão de Pedro.

À luz do estilo literário de troca de nome no Antigo Testamento, em virtude do valor que o nome representa na mentalidade semítica, e a partir do contexto do primeiro encontro entre Jesus e Pedro, podemos sustentar que 1,41-42 apresenta o programa da missão de Pedro, pelo que há necessidade de se decodificar o vocábulo *Kefas*. Isto deve ser procurado na etimologia, na simbologia e nas asserções do Antigo Testamento e do Judaísmo.

Todavia, permanecendo como programático e velado, cada passo no qual Pedro atua revela alguma nuance da natureza de *Kefas*, e isso vem de encontro ao significado básico abstraído do substrato semítico. Individuamos, portanto, duas modalidades de acenos que focalizam alguns detalhes da natureza de *Kefas* no corpo do IV Evangelho: uma negativa e outra positiva.

Negativamente, em 13,7 e 13,36, Jesus deixa transparecer uma situação futura diferente da que Pedro experimenta, sugerindo que o seu fracasso como discípulo não é a sua última condição e não serve como categoria para traduzir a natureza de *Kefas na sua vida*.

Positivamente, *Kefas* percorre de maneira subliminar cada trecho do IV Evangelho: em 6,67-71 e 13,21, Pedro personifica a liderança e a capacidade de, num momento decisivo e de dispersão, manter o grupo unido, sendo o seu porta-voz. Nas várias cenas dos capítulos 13 e 18, Pedro aparece extremamente ativo, cheio de iniciativas. Em situações de omissão e de passividade, Pedro se expõe, não tem medo de ser colocado em crise por Jesus, de superar as suas contradições e inconsistências. Nestas passagens encontra ressonância também o dado de que ele permanece sujeito ao fracasso; ele é um discípulo a mais que deve zelar pelo seguimento. Estes detalhes reforçam, portanto, o dado de que *Pedro é Kefas em constante comunhão com Jesus*. A natureza de *Kefas* une Pedro e a sua missão a Jesus e ganha consistência e valor próprio na comunhão com Ele.

O capítulo 21 introduz uma nova imagem para a missão de Pedro, estritamente unida com a *pastoral*. A relação entre o simbolismo ínsito nesta imagem e na de *Kefas* parece, num primeiro momento, forçada e gratuita; o único gancho entre as duas imagens parece ser o fato de que as mesmas sempre dizem respeito a Pedro: uma no início, outra no final do IV Evangelho, sem nenhuma afinidade entre si. Todavia, já chamamos a atenção a respeito dos dois aspectos que fazem a ligação entre as duas imagens com dados altamente significativos para a economia do IV Evangelho que se referem à sua concepção sobre o discipulado, sobre a pessoa e sobre a missão de Pedro: a correspondência entre as duas perícopes nas quais vêm colocadas em evidência tais imagens e o sentido mesmo destas imagens.

Vimos como Jo 1,41-42 e Jo 21 se completam mutuamente em relação a Pedro, tanto que as duas imagens são evocadas uma como anúncio («*serás chamado Kefas*») e a outra como cumprimento (*o pastor que apascenta o rebanho de Jesus*). A profundidade da unidade entre as imagens supõe o seu valor simbólico imediato, mas ultrapassa-o e atinge um sentido funcional aplicado que assume um valor tanto cristológico como eclesiológico.

Além da natureza do discipulado e da maneira segundo a qual as duas imagens são aplicadas a Pedro, o valor cristológico é iluminado pelo fato de que as próprias funções que as metáforas de *Kefas* e de *pastor* exprimem são prerrogativas de Jesus. De fato, o simbolismo pastoral é plenamente assumido por Jesus; Ele, em Jo 10, se autoproclama o Bom Pastor, que conhece as suas ovelhas pelo nome, as protege, as apascenta e lhes dá a vida.

Esta seqüência de atributos é transferida a Pedro em 21,15-17 e mantém uma relação íntima com as atribuições implícitas em *Kefas*, cuja simbólica não se diferencia das idéias-mestres que definem a ação do Bom Pastor: proteger, nutrir, acolher, reunir, conduzir e manter a unidade.

Desta maneira, as duas imagens atribuídas a Pedro estão carregadas de uma conotação cristológica, de tal modo que o valor cristológico vem a ser o crisol da missão de Pedro a qual, portanto, se apresenta como continuação da missão de Jesus. Circundar, preservar, guardar, proteger, defender, envolver, conduzir, reconduzir, apascentar, guiar, acolher, reunir são termos que se entrelaçam numa seqüência que, como denominadores comuns à simbólica de *Kefas* e de pastor, evocam a dimensão relacional da missão de Pedro, assumindo um valor altamente comunitário, fazendo com que estas imagens sejam um elemento constitutivo de eclesiologia, fornecendo, portanto, dados para a compreensão da eclesiologia do IV Evangelho.

A combinação entre *Kefas* e pastor mostra uma nova perspectiva para se tornar comunidade e Igreja: gera uma dimensão que coloca em destaque a simbólica da missão. O exercício da autoridade de Pedro está integrado na estrutura do serviço e, tendo Jesus como modelo, configura-se como conhecimento, dedicação, gratuidade, familiaridade, afetividade, solicitude, intimidade, doação, guia, proteção, acolhida, reunião, tornando-se uma garantia a fim de que os seguidores de Jesus encontrem um ponto de referência e sejam mantidos na unidade.

*João Tavares de Lima, SDS  
Professor de Exegese Bíblica  
Instituto Teológico São Paulo*

# I T E S P

## INSTITUTO TEOLÓGICO SÃO PAULO

FILIADO AO PONTIFÍCIO ATENEU SANTO ANSELMO - ROMA

*Protocolo 450/81/8 da Congregatio  
Pro Institutione Catholica*

O ITESP sonha ser uma **comunidade de reflexão teológico-crítico-criativa**. Nessa comunidade, todos os membros são convocados a participar no processo acadêmico pela fraternidade, solidariedade e compromisso com o estudo teológico e no empenho de vivência do Reino de Deus. Todos assumem o compromisso de fazer uma teologia séria, equilibrada e realista, fruto da vida em Igreja. É questão de justiça para com os participantes, para com as comunidades religiosas e para com a Igreja universal.

Partindo da realidade latino-americana, opta-se por julgá-la com os critérios da revelação na Bíblia e na Tradição eclesial, respondendo aos apelos de Deus que se fazem através de pessoas e de fatos. Visa-se desenvolver a prática de uma teologia que evitando o monolitismo radical, assuma o respeito a uma ciência teológica mais pluralista e universal.

### **1. Curso de graduação em Teologia**

Para formação de religiosos, presbíteros.

1.1. Seguindo todo o currículo, com duração de quatro anos, recebem *Diploma de Curso Seminarístico*.

1.2. Submetendo-se as exigências suplementares do Ateneu Santo Anselmo, Roma, receberão o *Diploma de Bacharelato*.

*Pré-requisitos:* Curso completo de filosofia e inscrição aprovada.

### **2. Curso de teologia para religiosos e leigos**

Currículo de quatro anos completos durante o mês de Janeiro, no Colégio Emilie Villeneuve com certificado final.

*Pré-requisitos:* Preparação religiosa suficiente, inscrição aprovada com trabalho científico final.

### **3. Alunos ouvintes:**

Participam de *reciclagem* organizada ou *participação* livre em cursos escolhidos, com certificado final.

*Pré-requisitos:* formação adequada, inscrição e programa aprovados a critério da direção do Instituto.

**Para informação:** Instituto Teológico São Paulo (ITESP)  
Rua Dr. Mário Vicente, 1108 (Ipiranga)  
04270-001 SÃO PAULO, SP  
Fone: (011) 914-6036